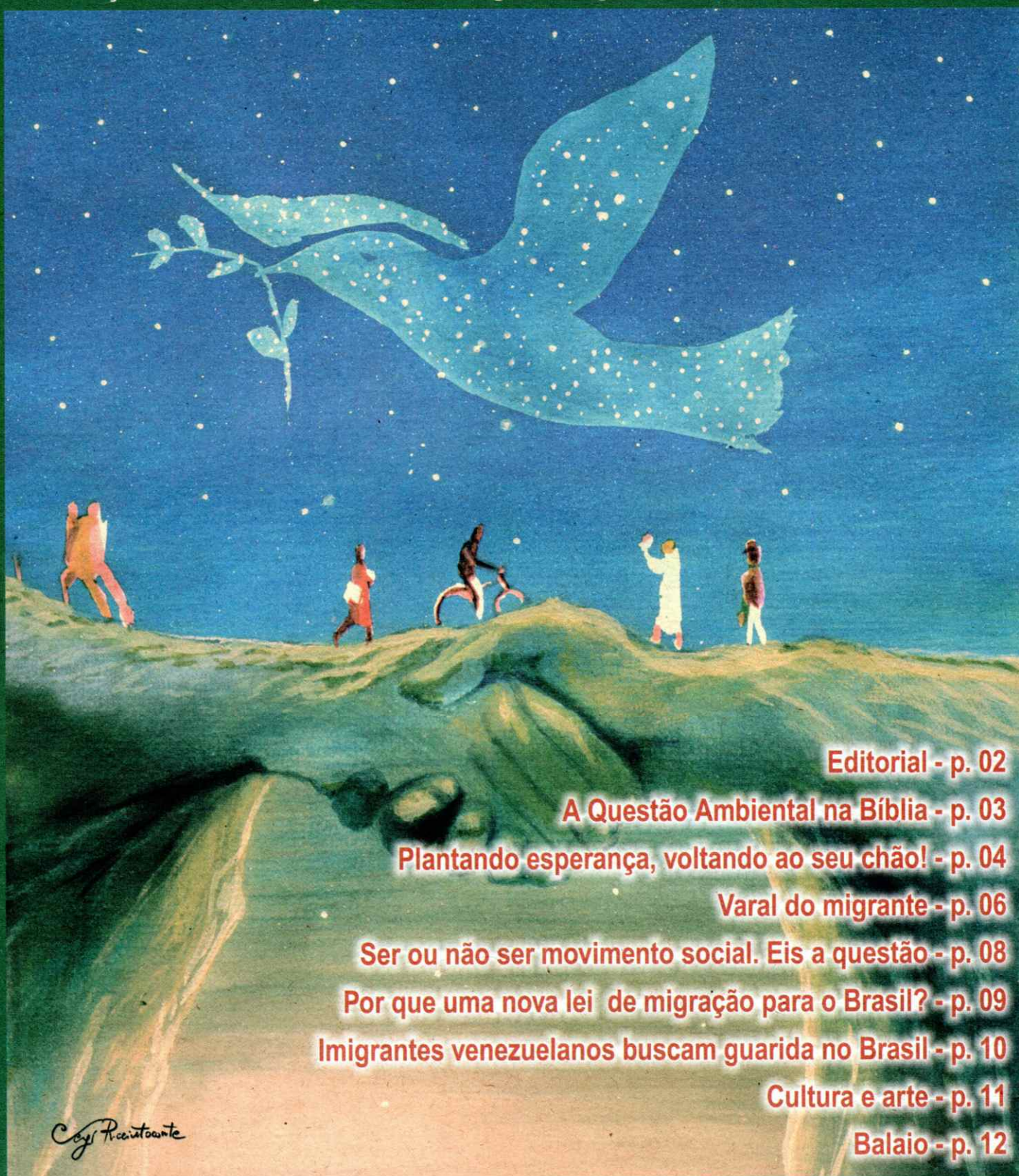


Publicação do SPM – Serviço Pastoral do Migrante – ago/16 a dez/16



Editorial - p. 02

A Questão Ambiental na Bíblia - p. 03

Plantando esperança, voltando ao seu chão! - p. 04

Varal do migrante - p. 06

Ser ou não ser movimento social. Eis a questão - p. 08

Por que uma nova lei de migração para o Brasil? - p. 09

Imigrantes venezuelanos buscam guarida no Brasil - p. 10

Cultura e arte - p. 11

Balaio - p. 12

Cosy P. Ceitoante

DEMOCRATIZE A COMUNICAÇÃO

Editorial

Grito dos Excluídos Curitiba PR 2015
Foto: Arquivo Secretária Nacional do grito dos Excluídos

Divulgado noite e dia por programas de televisão, jornais e revistas; repetido inconscientemente por professores e todo nosso círculo de pessoas próximas, aprendemos desde cedo que “o que é importante vira notícia”.

Sem uma educação crítica para a cidadania, e com a desvalorização da prática engajada na transformação da realidade social, boa parte da população acaba por nunca se dar conta do absurdo que é essa afirmação. Ela faz questão de esconder toda a lógica que há por trás da produção do que é notícia. Ou seja, do que é importante. Resultado: não são poucos os que passam a vida em busca dos “quinze minutos de fama”, para se sentirem importantes (isto é, para serem notícia) uma vez na vida.

Por mais objetiva que seja uma notícia - coisa muito rara nos grandes meios de imprensa no Brasil (Globo, Folha, Veja, Band, etc), contaminados por visão ideológica que visa exterminar as forças progressistas e questionadoras da ordem social.

A escolha do que é importante e a forma como é narrado constitui aquilo que chamamos de “narrativa”. Por exemplo: para a grande imprensa os movimentos sociais não são notícia, enquanto para o Boletim SPM Informa ou o Vai Vem, não merecem ser notícia casamentos e divórcios de pessoas famosas.

A internet, por sua vez permite a construção e difusão de contra-narrativas. Isto é, outras versões dos fatos apresentados pela grande mídia, além

de trazer à tona eventos que a imprensa corporativa tenta esconder. Como exemplo, podemos citar as ocupações em escolas e universidades por todo o país, feitas para se opor à PEC 241/55 e à reforma educacional do governo golpista, que a grande imprensa tenta ocultar ou criminalizar.

A força da internet é visível na dificuldade que o governo golpista tem para conseguir que a maioria do povo o apoie, diferentemente do golpe de 1964, em que abusos dos governantes eram ocultados por notícias de “um Brasil que dá certo”. Se na ditadura de 1964-85 muitas pessoas podiam alegar não saber das torturas praticadas, hoje os abusos praticados são divulgados quase na mesma hora - como a invasão armada e ilegal à Escola Nacional Florestan Fernandes ou o desaparecimento dos cinco jovens na periferia de São Paulo, após uma batida policial.

Para a construção dessas narrativas alternativas, participam órgãos de imprensa alternativos (Carta Capital, Le Monde Diplomatique, Ponte Jornalismo, Agência Pública, etc), movimentos sociais, pessoas comuns, como você que lê este editorial. São textos, vídeos, músicas, charges, fotos a denunciar injustiças sociais que se tenta naturalizar; abusos das autoridades às quais se faz vista grossa; violações aos direitos humanos e ao Estado de Direito que apresentadores de tv elogiam como se isso fosse um avanço da civilização. Enfim, são visões que se contrapõem às mentiras contadas diariamente pela grande imprensa.

Daí a importância da internet para sabermos que não estamos sozinhos contra as injustiças sociais e em nosso trabalho de formiguinha por um mundo mais humano para todos. E há também a necessidade urgente de sair de trás das telas - da televisão, do computador, do celular - e ir para as ruas, fazer política no cotidiano, discutir sobre a cidade, o país, as condições de trabalho com as pessoas com quem cruzamos todos os dias - a comunicação via internet não substitui as relações feitas cara-a-cara com os nossos próximos. As mobilizações do Movimento Passe Livre, em 2013, diferentemente do que noticiou a grande imprensa corporativa, não aconteceram por causa de um evento no Facebook, e sim porque os militantes do Passe-Livre iam de escola em escola explicar suas propostas e chamar para as manifestações.

Construir contra-narrativas é questionar os interesses por trás das narrativas oficiais, desvendar o que há de falso nelas, e convidar para, juntos, construirmos narrativas que levem a práticas que sejam do interesse da maioria da população, principalmente que atenda ao clamor dos mais necessitados - aqueles que Papa Francisco reiteradamente faz questão de lembrar em suas homilias: “*dos marginalizados deste sistema econômico preocupado apenas com o lucro e desdenhoso da qualidade de vida das pessoas que habitam a Terra. Sistema que marginaliza e criminaliza toda a vida do nosso planeta que questiona e resiste aos seus desejos de ter sempre mais riquezas*”.

A QUESTÃO AMBIENTAL NA BÍBLIA

ROBERTO MALVEZZI (GOGÓ)

Veja em quando temos que voltar ao baú de coisas velhas e de lá retirar coisas novas (Mateus 13,52). Assim é olhar, a partir da fé, as graves questões socioambientais que atravessam a humanidade. Nesse caso, falamos mais explicitamente da fé dos cristãos. Poderíamos também ver a fé indígena ou das matrizes religiosas de origem africana. Porém, para elas, tudo é mais fácil. Sem separar a existência e todas as suas realidades em compartimentos, essas tradições vivem as questões socioambientais sem rupturas ou divisões, integradas no seu cotidiano.

Nós, pais e filhos da civilização ocidental, temos muito mais problemas. Nosso olhar sobre a realidade é dicotômico, cindido em várias gavetas, e por isso temos imensas dificuldades de integrar a fé e a vida, a fé e os desafios socioambientais. Aliás, é desse imenso desafio que nos fala o Papa Francisco em sua carta *Laudato Si*. Ele nos exige uma espiritualidade integral, onde nenhuma dimensão da vida escape, inclusive as questões socioambientais. Nos pede uma conversão ecológica, sem a qual vamos forrar o inferno e a Terra com nossa boa vontade, mas sem eficácia alguma diante desse desafio maior que a humanidade enfrenta.

Para os cristãos a questão ecológica insere-se na perspectiva maior da criação. É Deus quem cria, mesmo respeitando o processo natural evolutivo de toda a obra criada.

Há também na bíblia atitudes ecológicas mais precisas, como o armazenamento da água de chuva pelo povo de Israel, citada em diversas cidades bíblicas: Guibeon (2 Samuel 2,12), Hebron (2 Samuel 4,12), Samaria (1 Reis 22,38), Jerusalém (Isaias 7,3; 22,9.11; 36,2; Neemias 2,14; João 5,2-4; 9,7.11).

Há também o descanso dos solos como princípio do Jubileu. "Falou mais o SENHOR



Cerca de mil pessoas estiveram presentes no ato realizado no dia 05 de novembro, um ano depois do desastre em Mariana.
Foto: ©Julia Moraes/Greenpeace

a Moisés no monte Sinai, dizendo: Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando tiverdes entrado na terra, que eu vos dou, então a terra descansará um sábado ao Senhor. Seis anos semearás a tua terra, e seis anos podarás a tua vinha, e colherás os seus frutos; Porém, ao sétimo ano haverá sábado de descanso para a terra, um sábado ao Senhor; não semearás o teu campo nem podarás a tua vinha. O que nascer de si mesmo da tua semente, não colherás, e as uvas da tua separação não vindimarás; ano de descanso será para a terra. Mas os frutos do sábado da terra vos serão por alimento, a ti, e ao teu servo, e à tua serva, e ao teu diarista, e ao estrangeiro que peregrina contigo; E ao teu gado, e aos teus animais, que estão na tua terra, todo o seu produto será por mantimento" (Levítico 25, 1-7). Mas, todas essas particularidades se inserem na dimensão maior da responsabilidade humana perante a criação.

O mandamento bíblico fundamental para a humanidade é que nós devemos "cultivar e guardar" a Terra (Gênesis 2,15). Basta um olhar um pouco mais cuidadoso e vamos perceber que o "cultivar" é a economia e o "guardar" é a ecologia.

Economia trata das normas da casa, do seu abastecimento, da provisão dos bens necessários para se viver com dignidade. Já a ecologia trata do cuidado com a casa, de sua preservação, como um ambiente bom que não só dá o que precisamos para viver com dignidade, mas também um ambiente aconchegante onde viver seja uma coisa boa, gostosa, prazerosa.

A utopia do "bem viver" das nações originárias das Américas não é a mesma do "bon vivant" (boa vida) dos burgueses. Na primeira, há o sentido do comunitário, da integração de todas as formas de vida, do respeito por todas elas e pela própria Mãe Terra. Na segunda, prevalece o egoísmo dos que podem viver, não raro às custas da exploração das demais pessoas e da própria Terra. Papa Francisco diz que essa é a cultura do descarte, do lixo, da indiferença diante do sofrimento alheio.

Mas, a bíblia não para por aí. Quando Noé sai da arca com seus familiares e seus animais, Deus falou a Noé e a seus filhos dizendo: "E eu, eis que estabeleço a minha aliança convosco e com a vossa descendência depois de vós. E com toda a alma vivente, que convosco está, de aves, de gado, e de todo o animal da terra

convosco; com todos que saíram da arca, até todo o animal da terra” (Gênesis 9, 8-10).

Aqui está uma espécie de “aliança primordial”, ou “aliança universal” de Deus com a humanidade e todas as criaturas, inclusive a própria Terra. A própria aliança com o povo de Israel é precedida por essa aliança universal com toda a criação.

Pois bem, Deus ama o que criou, não rejeita nenhuma de suas criaturas. Essa aliança primordial será sacramentada em Jesus Cristo, único sacerdote, a ponte entre a criação – não só a humanidade – e o Criador.

No prólogo do Evangelho de São João, aquela fina reflexão teológica e poética, João vai dizer que “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio

com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (João 1, 1-3).

Portanto, a criação, de forma alguma, é estranha à encarnação de Jesus. Pelo contrário, ele já estava no princípio e nada do que foi feito, foi feito sem Ele. Uma teologia mais subterrânea na Igreja, sobretudo a partir do teólogo franciscano Duns Escoto, vai dizer claramente que o centro do evangelho é o amor, não o pecado. Ainda mais, Jesus viria mesmo que não houvesse pecado humano. Isto é, a sua encarnação é o projeto originário do Pai, de unir o criado ao Criador, não fruto de um acidente, de um pecado da humanidade.

Toda essa visão positiva da criação, do Deus que ama suas criaturas, se consuma

na teologia paulina do Cristo Cósmico. Não é só a humanidade que aguarda ansiosa a redenção dos filhos de Deus, mas a própria criação que geme em dores de parto (Romanos 8,22). Portanto, ela também sofre, ela também não é perfeita, embora seja muito boa. A vontade de quem a criou não é que ela seja destruída, mas que toda criação chegue à plenitude.

Em 2017 o tema da Campanha da Fraternidade é “*Fraternidade: biomas brasileiros e a defesa da vida*”. E o lema “*cultivar e guardar a criação*”. Essa é a tarefa que nos cabe, enquanto brasileiros, se quisermos ser fiéis ao dom de Deus, entregue a essa parcela da humanidade.

É um convite a uma conversão ecológica profunda, um desafio do tamanho de nossas vidas e de toda a humanidade.

HISTÓRIAS DA VIDA

PLANTANDO ESPERANÇA, VOLTANDO AO SEU CHÃO!

ROBERTO SARAIVA E ARIVALDO JOSÉ SEZYSHTA



Equipe da Pastoral do Migrante em visita à propriedade de Dona Lita, comunidade Serra Velha, município de Itatuba/PB.
Foto: Acervo SPM - NE

A trajetória de sofrimento e luta, mas também de muita determinação e conquistas da agricultora Lita - Luzia Bezerra da Silva (59) teve início na comunidade Serra Velha, município de Itatuba/PB, de onde saiu um dia, mas que o amor à terra a trouxe de volta. Filha de Manoel Abílio e de Marcionila, ela nasceu em 1957, na comunidade de Serra Velha. Teve dez irmãos, dos quais é a mais velha, e que ficavam aos seus cuidados enquanto os pais trabalhavam no roçado. Emocionada ao falar da mãe, Lita não esquece que o sonho dela era ver seus filhos estudados. “Era a única coisa que ela exigia da gente, não deixem de estudar”. Lita alimentou o sonho da mãe tonando-se professora.

Refazendo a história: a volta para a agricultura

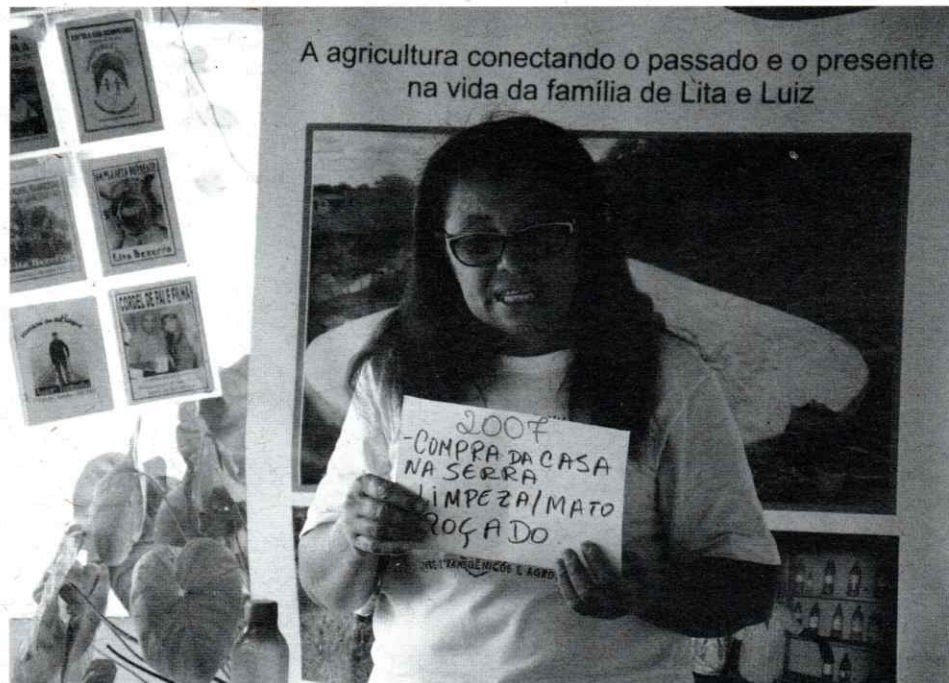
Em 2005, Lita se casa com Luiz, também paraibano, da cidade de Araruna. Filho de agricultores, foi criado ajudando seu pai na agricultura e também no serviço

de marchante. Chegou a passar vinte e três anos de sua vida em São Paulo, onde constituiu família. Em 2004, resolveu voltar para a Paraíba, “onde realmente era feliz”.

Sem trabalho na cidade para seu Luiz, os dois juntaram a vontade de voltar

a trabalhar com a terra e a partir de um empréstimo compraram uma casa na Serra Velha de Itatuba. “Voltamos pra Serra pra botar roçado e criar bicho e graças a Deus estamos aqui”.

No ano de 2010, estavam ainda tentando organizar a casa e mesmo



Dona Lita contando sua história através de uma linha do tempo
Foto: Acervo SPM - NE

sem condições resolveram fazer um empréstimo no Banco do Nordeste; compraram arame e cavaram um açude. Depois, fizeram um segundo empréstimo para comprar um motor e a encanação para irrigação. A cisterna de 16 mil litros já existia na propriedade, construída, em 1999, por uma ação da Pastoral dos Migrantes, o que já ajudou bastante no armazenamento de água de beber. Em 2012, com a chegada do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) na comunidade, através da Articulação Semiárido (ASA) e do SPM-NE, conquistaram a cisterna de enxurrada, com capacidade de armazenar 52 mil litros de água para produção.

Na época passava-se por uma seca grande e tendo sua produção ameaçada, a cisterna ajudou a superar esse momento. Hoje, apesar da continuidade da seca, a família produz tudo que sempre sonhou. Atualmente, Lita e Luiz têm mais de duzentas espécies entre hortaliças, fruteiras, animais e plantas medicinais, que atendem desde o consumo da família, troca entre vizinhos, até a comercialização na feira do município. Dona Lita lembra que "É muito bom porque além de doar, comer e comercializar, eu vejo que a vizinhança começou a fazer também, e perguntava

como eu fazia. Hoje muita gente planta no seu quintalzinho".

Em diversos momentos de formação, intercâmbio e troca de experiências, a família adquiriu conhecimentos que foram postos em prática no arredor de casa, o que os levou a serem considerados hoje referência para outras famílias em toda a região. Em uma de suas participações em intercâmbios no ano de 2015, Lita conheceu o tanque de reuso de água.



Banco de sementes crioulas situado na propriedade da Dona Lita, que tem servido à toda comunidade da Serra Velha
Foto: Acervo SPM - NE

Chegou em casa e fez o seu. Foi também nesse ano, que ela trouxe a experiência da fossa ecológica para sua casa: "Através dos intercâmbios, foi onde eu vi e fiz a fossa ecológica, eu acho muito importante, tem gente que vai, vê, acha bonito, mas ali morreu e não traz pra sua casa. Já, eu penso que é importante a gente fazer, para outras pessoas da comunidade ver e fazer também".

Na propriedade de Lita e Luiz tem o banco de sementes crioulas, que servem à toda comunidade de Serra Velha: "a queixa do povo é que quando vem um ano de seca planta e perde a semente; apesar de estar bem fragilizado por causa da seca, todo mundo tem trazido sementes para manter nosso banco comunitário da Semente da Paixão".

O próximo passo do casal, no aprendizado constante da convivência com a semiaridez, ainda para 2016, é construir o biodigestor, para produzir o gás de cozinha a partir do esterco dos animais que eles criam. Hoje, dona Lita é parceira da Pastoral dos Migrantes, representando o campesinato da região nas diversas atividades de mobilização da Rede Articulação no Semiárido Paraibano (ASA)-PB.

VARAL DO MIGRANTE



Equipe da Pastoral dos migrantes de Alagoas realiza evento para celebrar dia de Nossa Senhora Aparecida e comemorar o dia das crianças - 10/2016

Foto: Acervo SPM



A Equipe de fronteira da família Scalabriniana realizou missão entre os dias 18 e 22 de outubro de 2016 na fronteira de Corumbá - MS



Foto: Acervo SPM

Feira da Agricultura Familiar do Ingá - PB



Equipe da Secretaria Nacional do SPM visita projeto de geração de renda na Comunidade Nossa Senhora das Graças, Jd. Rincão-SP - 10/2016

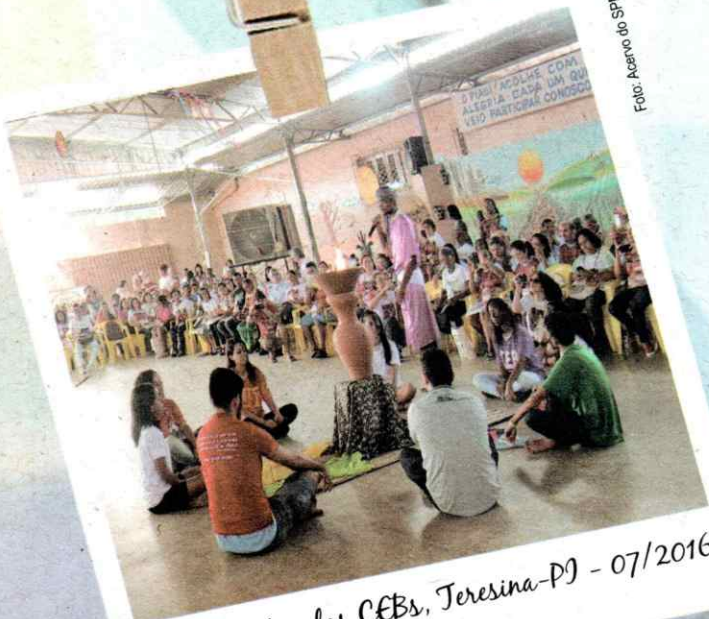


Foto: Acervo do SPM

7º Nordeste das CEBs, Teresina-PJ - 07/2016



Assembleia da Pastoral dos Migrantes do regional Sul 2, Paraná - 08/2016

Foto: Jairo Moura

WSP ouber-400-100



Celebração da Missa Nordestina na Catedral Diocesana de Duque de Caxias - RJ, com a Pastoral dos Migrantes - 09/2016

Foto: Acervo SPM



Foto: Acervo SPM

Equipe da Pastoral dos Migrantes do Vale do Jequitinhonha - MG se reúne para planejar a 31ª Missão do Migrante, que acontecerá entre os dias 21 e 28 de janeiro de 2017 em Padre Paraíso - MG

Foto: Marcos Gross



CEDAMJ - Centro de Apoio aos Migrantes em Campo Grande - MS, completa 32 anos de partilha e amor - 10/2016



Foto: Eva Sarmis

Leigos Scalabrinianos e Agentes do SPM se reuniram em julho/2016 para avaliar o processo de caminhada e celebrar 25 anos da Província Maria Mãe dos Migrantes - MT

Foto: Acervo SPM Nordeste



Reunião com trabalhadores do projeto Vida Nova da agricultura familiar - Piauí

Foto: Acervo SPM Nordeste



Membros da equipe da Pastoral dos Migrante de Londrina, realizaram visitas domiciliares a um grupo de Bengaleses residentes em Rolândia - PR

SER OU NÃO SER MOVIMENTO SOCIAL. EIS A QUESTÃO

JAIRO MOURA COSTA*

Este artigo tem como objetivo nos levar para uma reflexão sem criar polêmica. Mas, sabe-se que muitos concordarão e boa parte discordará. Então, polêmica existirá.

Somos denominados Movimentos Sociais. Este nome hoje, para a grande mídia, quando se refere a nós, é sempre com um tom preconceituoso e pejorativo, em vista do que estamos fazendo ou reivindicando com as camadas menos favorecidas. Com elas reivindica-se que seus direitos sejam cumpridos, atendidos. Em poucas palavras, seria essa a nossa função. Resumindo, fazemos o que o Estado deixa de fazer. E o fazemos por uma questão de justiça e porque no nosso DNA há uma partícula do Bom Samaritano que, por compaixão, misericórdia, se ocupa com o irmão necessitado.

Mas, o que está acontecendo conosco? Desde o primeiro governo Lula, muitos de nós fomos seduzidos pela oportunidade de estar no "poder", aceitamos cargos e fizemos parte do governo. Penso que, talvez por acharmos que o governo era legitimado pelo voto popular, teria ações concretas na resolução das necessidades das camadas menos favorecidas da população. Um sonho a ser realizado. Em parte, algumas ações foram feitas. Contudo, mais como uma troca ou barganha do que com um fundamento ideológico vital para a sociedade. Com o passar do tempo, alguns que foram seduzidos pela perspectiva de poder se retiraram do governo, por perceberem que o caminho trilhado não era o caminho dos sonhos, das utopias. Estar no governo nem sempre é sinônimo de estar com ou no poder.

Os Movimentos Sociais são colocados pela grande mídia como movimentos de esquerda. Será que somos? Somos rotulados de vermelhos, comunistas e, as vezes, até de anarquistas. Somos



Foto: Paulo Nogara

acusados até de querermos mudar a cor de nossa bandeira, de verde e amarelo, para o vermelho. É irônico. Também nos acusam de sermos a favor da baderna, do enfrentamento, e de sermos radicais. Assim somos rotulados.

Desmistificar isso, que a grande mídia insiste em mostrar e dizer que somos, levará tempo, pois boa parte da população assiste, lê e é convencida pela mídia golpista. Prova disso, esta nas poucas organizações que se manifestaram contra a truculenta e criminosa invasão da Polícia à Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST, no interior de São Paulo. Infelizmente, foram poucas as manifestações solidárias ao MST que sofreu esse crime praticado pela polícia paulista. Esta também é, lamentavelmente, mais uma prova da criminalização dos movimentos sociais, cujas pautas de reivindicações são claras, objetivas, humanitárias e legítimas. Isto é, de direito!

Mas a grande incógnita é: o que somos realmente hoje? Ao sermos introduzidos nos governos, nós perdemos o senso crítico? Perdemos a capacidade de articulação, de mobilização. Acomodamos, ou ainda estamos dormindo? Será que envelhecemos e estamos cansados? Decepcionados com os rumos da política

social brasileira? Para onde pretendemos caminhar? Como nos mobilizar e nos articular? Quem sabe os estudantes que hoje ocupam escolas, de cara limpa, sem máscaras ou disfarces, não estão a nos ensinar? Temos esperança de vermos realizadas as nossas utopias?

Talvez estejamos divididos demais e olhando para o nosso próprio umbigo. Não dialogamos entre nós para estabelecer um projeto único e popular para o Brasil. Um projeto popular que permita dar voz e vez aos invisíveis, que a nossa sociedade insiste em fazer de conta que não existem. Pois, sim. Lázaro continua a comer as migalhas que caem de nossas mesas. Nós, supondo ou querendo ser uma sociedade elitizada, ainda não nos damos conta disso, ou por vezes nos fazemos de cegos e não queremos ver. Estamos no conforto de nossos lares e isso basta.

Melhor parar por aqui. Há assunto para um livro. Mas encerro com uma provocação. Melhor responder estas perguntas agora, pois Lázaro não voltará para nos avisar. Que tal, nós dos Movimentos Sociais começarmos um diálogo agora? É urgente que o façamos.

*Jairo Moura Costa é Agente da Pastoral dos Migrantes em Minas Gerais.

POR QUE UMA NOVA LEI DE MIGRAÇÃO PARA O BRASIL?

LETÍCIA CARVALHO - ASSESSORA DE ADVOCACY DA MISSÃO PAZ

O Brasil possui uma dívida histórica quando o assunto é a consolidação de uma política integral de Estado para as migrações, que seja coerente com a busca de uma sociedade justa, livre e democrática; que respeite os direitos humanos e reconheça a contribuição cultural, econômica e social dos imigrantes e refugiados que chegam e se estabelecem no país. Ao pensarmos na verdadeira efetivação dos Direitos Humanos dos migrantes no Brasil, somos levados a refletir sobre a necessidade de uma nova Lei de Migração.

Há anos, as dificuldades enfrentadas pelos migrantes no país são apontadas pelas organizações da sociedade civil que atuam diretamente com essa população. São dificuldades, em grande parte, reforçadas pelo o Estatuto do Estrangeiro (Lei 6.815/1980) que representa um dos fortes sistemas jurídicos estabelecidos pela ditadura militar (1964-1985). Tal Estatuto, ainda vigente, parte do pressuposto de que as migrações representam um risco à segurança nacional e ao trabalhador brasileiro. Além disso, encara o imigrante como ameaça à sociedade e impõe uma série de restrições às liberdades individuais, tais como o direito à participação política, sindical e associativa. Portanto, trata-se de uma lei que não dialoga com o rol de direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988 e com o regime internacional dos direitos humanos.

Ademais, o Estatuto do Estrangeiro possui alto grau de burocratização que dificulta a regularização migratória da pessoa que entrou no território nacional sem o visto ou que se tornou irregular depois da expiração deste. Cabe ressaltar que a irregularidade migratória implica diretamente no não acesso aos direitos básicos. Isto deixa os migrantes numa condição ainda mais vulnerável, sobretudo



VII FSM São Paulo, 7 a 10.07.2016
Foto: Conectas

no que se refere à exploração da sua força de trabalho. Assim, permite que diversos empregadores se aproveitem da condição de indocumentados e os submetam a trabalhos degradantes ou análogos à escravidão.

Neste sentido, pensar em uma nova lei de migração é pensar em incluir os imigrantes e refugiados em políticas públicas que lhes integre de maneira digna na sociedade brasileira. Assim, podem contribuir com o Brasil para além de sua força de trabalho e do recolhimento de impostos. Pois, há uma admirável riqueza a partir da troca intercultural com os migrantes que chegam para salvaguardar suas vidas e de seus entes queridos ou em busca de mudanças no destino que lhes é fadado no país de origem.

Para isso, é indispensável que os princípios de não discriminação e de igualdade de direitos, estabelecidos pelo direito internacional, sejam cumpridos em igualdade perante a lei e de maneira a garantir o acesso a dois aspectos fundamentais: regularização migratória e acesso à justiça.

O primeiro, parte da ótica de que da mesma maneira que Wos nacionais devem obter documentos para ter acesso a

direitos, a regularização do migrante faz-se logo na entrada para a garantia efetiva dos direitos que lhes devem ser assegurados. E, se há de fato o princípio da igualdade previsto pela Carta Maior, logo o direito de se regularizar deve ser garantido através de mecanismos que sejam claros e acessíveis a todos como uma obrigação do Estado e um direito do migrante.

Já o segundo aspecto, o direito de acesso à justiça, possui relevância nos processos migratórios, especialmente àqueles a respeito da permanência do migrante no país, como as decisões sobre a repatriação (devolução do migrante em situação de impedimento ao país de sua procedência ou nacionalidade), deportação (aplicada ao migrante em situação migratória irregular no território nacional) e expulsão (aplicada ao migrante condenado), devido ao enorme impacto que essas medidas de força podem ter sobre os direitos dessas pessoas e de seus familiares. A atenção a este aspecto deve se dar a fim de evitar qualquer devolução que coloque em risco a segurança ou integridade física de qualquer pessoa.

Ademais, reivindica-se que o controle migratório seja realizado por funcionários civis capacitados para lidar com as pessoas

“ PENSAR EM UMA NOVA LEI DE MIGRAÇÃO É PENSAR EM INCLUIR OS IMIGRANTES E REFUGIADOS EM POLÍTICAS PÚBLICAS QUE LHEIS INTEGRE DE MANEIRA DIGNA NA SOCIEDADE BRASILEIRA. ASSIM, PODEM CONTRIBUIR COM O BRASIL PARA ALÉM DE SUA FORÇA DE TRABALHO E DO RECOLHIMENTO DE IMPOSTOS. ”

migrantes de forma não discriminatória. Esta é uma demanda histórica do movimento de defesa dos direitos dos migrantes no Brasil. A política migratória deve ser sensível às especificidades de cada situação, à vulnerabilidade social e econômica dos migrantes. E deve partir de uma perspectiva inclusiva que tenha como objetivo a integração dessas pessoas à

sociedade e a garantia do seu acesso pleno a direitos.

Nesse sentido, é também antiga a percepção de que a Polícia Federal, embora possua importantes competências em matéria de segurança, que exigem a sua presença nos pontos de entrada e saída do país, não é a instituição mais adequada para administrar as políticas de autorização de entrada e permanência de migrantes no Brasil. Pois a migração, na sua essência, não é uma questão de segurança.

Ao conhecer os principais problemas do Estatuto do Estrangeiro, suas implicações negativas na vida dos migrantes, e os princípios de Direitos Humanos para o trato com os migrantes no país, há anos as organizações da sociedade civil e membros de instituições acadêmicas tem pautado a questão em diversos espaços de debates sobre o tema.

Neste prisma, no ano de 2013, o Projeto de Lei do Senado (PLS 288/2013) trouxe novos paradigmas aos direitos dos migrantes no Brasil. O PLS apontou para mudanças necessárias no sentido de que a Lei observe as garantias dos direitos dos migrantes no país. No ano seguinte, a Conferência Nacional de Migrações e Refúgio (COMIGRAR), organizada pelo Ministério da Justiça, proporcionou a

realização de diversas atividades que trataram da importância de uma nova Política Migratória, inclusive com a colaboração dos migrantes residentes no Brasil.

O avanço dos trâmites institucionais se deu com as contribuições da comissão de especialistas do Ministério da Justiça, incorporadas ao texto, e o envio do PLS à Câmara dos Deputados em agosto de 2015, onde passou a ser designado PL 2516/2015. Vale observar que a sociedade civil acompanhou todas as etapas, inclusive com proposições, até o texto final adotado em julho de 2016 pela Comissão Especial da Câmara dos Deputados.

Compreendem-se os avanços instituídos no PL em questão. No entanto, há pontos sensíveis que ainda são obstáculos às garantias dos direitos dos migrantes, de maneira que alterações ainda são necessárias, para que haja a consolidação do paradigma de direitos humanos. Estes direitos possibilitam a coerência entre os princípios e as práticas contempladas no texto, bem como viabilizam que o Brasil se torne um exemplo de política migratória inclusiva, cultivando a seu favor, todo o potencial da mobilidade humana internacional.

IMIGRANTES VENEZUELANOS BUSCAM GUARIDA NO BRASIL

JOSÉ CARLOS PEREIRA

A crise de abastecimento de alimentos somada à crise política na Venezuela tem provocado a migração de milhares de venezuelanos para o Brasil. Inicialmente, os imigrantes entravam no Brasil para comprar alimentos e retornavam ao seu país. Porém, com o agravamento da crise política e social na Venezuela, os imigrantes entram no Brasil pelo estado de Roraima, que faz divisa com a Venezuela, e procuram se estabelecer como podem em busca de melhores condições de vida. Com

os albergues lotados, eles dormem em praças, estações rodoviárias e trabalham como vendedores ambulantes pelas ruas. Dentre eles, várias mulheres têm atuado como prostitutas para conseguir dinheiro, comprar comida e ainda remeter um pouco para as suas famílias que ficaram na Venezuela. Mais de 30 mil imigrantes já entraram pelas cidades de Pacaraima e Boa Vista em Roraima. Muitos deles são indígenas. O Poder Público local informou que os sistemas de saúde e educação

podem entrar em colapso total, já que não está preparado para atender as demandas dos imigrantes que chegam necessitados de cuidados. Outro desafio é a xenofobia e o preconceito que os imigrantes já estão sofrendo. A Venezuela é vizinha ao Brasil e um dos principais produtores mundiais de petróleo. Mas, vem sofrendo forte crise política desde que Nicolás Maduro assumiu o governo do país depois da morte de Hugo Chaves.

O SER HUMANO NÃO QUER FRONTEIRAS

SALVADOR DO CACULÉ*

Sou migrante, sou brasileiro,
Vivo pra lá e pra cá,
Tracei um plano pra minha vida,
Mas não pude concretizar,
Pois o sistema me condenou
A viver sem ter valor
Pelos cantos a migrar.

Mas o meu irmão do Brasil
Ou o imigrante latino-americano
Também o que vem do Haiti,
Bem como o africano,
Não quer mais ser hostilizado,
Ser mau visto e ser tratado
Como fulano, cicrano ou beltrano.

Pois ele tem nome e origem
E é um ser humano também
Não importa a posição social
Nem o lugar de onde ele vem
Precisa e quer ser respeitado
E como pessoa ser tratado
Pelo que é, não pelo que tem.

À luz do santo evangelho
Se conseguirmos assim agir
Veremos que toda pessoa é igual
Pelo simples fato de existir,
E sendo semelhança de Deus,
Se somos todos filhos seus,
Por que então se distinguir?

O valor de cada pessoa
É preciso a ela se dar
E em seus direitos fundamentais
Está o de livre circular
Se o capital não tem fronteira
Se ele circula a terra inteira
Por que o ser humano terá?

O ser humano não quer fronteira!

**QUEREMOS
INTEGRAÇÃO
DOS POVOS**

BALAI



"O fenômeno migratório não é alheio à história da salvação, pelo contrário, faz parte dela. Relacionado com ele está um mandamento de Deus":
«Não usarás de violência contra o estrangeiro residente nem o oprimirás, porque foste estrangeiro residente na terra do Egito» (Ex 22, 20).
(Trecho da Mensagem do Papa Francisco para o Dia do Migrante e Refugiado 2017)

Mineradoras, de olho nas terras indígenas, apostam no desmonte da FUNAI – para isso, contam com a PEC 241 e congelamento por 20 anos nos investimentos.

Dia 05.11.16, completou-se um ano do maior crime ambiental do país, com 19 mortos, causados pela Samarco/Vale/BHP Billinton. Em Mariana: populações inteiras deslocadas, ninguém punido. O povo fez caminhadas, mobilizou-se e segue denunciando o descaso.

Campanha da Fraternidade 2017: tema: "Fraternidade: biomas brasileiros e defesa da vida". Lema "Cultivar e guardar a criação" (Gn 2.15).

Campanha Nacional em Defesa do Cerrado: "Cerrado, Berço das Águas: Sem Cerrado, Sem Água, Sem Vida".

Custo mensal de um Deputado Federal:
Salário R\$ 33.763
Auxílio-moradia R\$ 4.245
Cota para o exercício da atividade parlamentar R\$ 44.632
Adicional de cota parlamentar R\$ 41.844,45
Verba de gabinete para até 25 servidores R\$ 97.116
Total 221.600,45
Fonte: Brasil de Fato

Custo mensal de um Senador:
Salário R\$ 33.763
Auxílio-moradia R\$ 5.500
Cota de serviços gráficos R\$ 8.500
Valor da cota parlamentar R\$ 41.844,45
Verba de gabinete para até 55 servidores R\$ 159.805
Total R\$ 249.412,45
Fonte: Brasil de Fato

Donald Trump é eleito presidente dos EUA. Imigrantes temem deportação em massa. Uma de suas ideias é taxar o dinheiro que os migrantes mandam para suas famílias, e assim pagar a construção do muro com o México.

Desde outubro de 2016, mais de 5 mil haitianos, foram barrados no porto de San Ysidro, em San Diego/EUA. Centenas deles ficam esperando em Tijuana, no México, em um dos cinco abrigos para imigrantes.

Mais de 7 milhões de eleitores (21,6%) não compareceram às urnas para votar no segundo turno das eleições municipais/2016. O nº de nulos e brancos somou 3,6 milhões (14,3% dos votos), segundo dados do TSE.

Publicação semestral do SPM – Serviço Pastoral dos Migrantes

Rua Caiambé, 126 – Ipiranga Cep 04264-060 – São Paulo-SP
Fone: (11) 2063-7064
e-mail: spm.nac@terra.com.br ou secretaria.spm.nac@terra.com.br

O SPM é um organismo ligado à Comissão 8 da CNBB. Tem como Objetivo central articular e dinamizar a Pastoral dos migrantes em âmbito Nacional.

Assinaturas:

Normal = R\$ 20,00

Apoio = R\$ 50,00

Exterior = Us\$30,00

O pagamento pode ser feito através de cheque ao Serviço Pastoral dos Migrantes ou depositar na Conta corrente 12702-9 Agência 0644 - Banco Itaú ou por vale postal à agência Ipiranga/SP

Conselho Editorial

Ana Valim

Ana Carolina G. Leite

Ari José Alberti

Cleia de Fátima Silva

Cristóvão Almeida

Daniel Gorte Dalmoro

Jairo Moura Costa

José Carlos Pereira

Roberval Freire

Maria de Lourdes Bernartt

Patrícia Rivarola

Miguel Angel Ahumada

Teresa Paris B. Holanda

Veridiana Franca Vieira

Arte da Capa:

Sergio Ricciuto Conte

www.sergioricciutoconte.com.br

sergioricciutoconte@gmail.com

Criação, diagramação e impressão:

Renata Lima - A.N. Gráfica - 3975 9262

Tiragem: 1000 exemplares